



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de imissão de posse da Fazenda Maísa**

Mossoró-RN, 20 de dezembro de 2003

Meus companheiros e minhas companheiras do estado do Rio Grande
do Norte,

Meus companheiros e minhas companheiras de Mossoró,

Meus companheiros e minhas companheiras aqui da Fazenda Maísa,

Minha cara governadora do estado,

Minha cara prefeita,

Senadores,

Senadoras,

Deputados e deputadas,

Meu querido Rana, minha querida Jacira, que estão, aí, nesse palanque,

Deputados estaduais,

Deputados federais,

Minha companheira Fátima, do Movimento Sem-Terra,

Meu companheiro Manoel, presidente da Federação da Agricultura do
estado do Rio Grande do Norte,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, eu não poderia deixar de pedir desculpas a vocês, porque eu
sei que vocês estão aqui desde às 8 e meia da manhã, 9 horas, com fome,
tomando na cabeça um sol “desgramado”, um sol muito forte. Eu vi até uma
criança, uma menina desmaiar. Vai chegar um dia em que a gente vai
aprender: vai colocar o povo na sombra e a gente vai ficar no sol, aí nós vamos
fazer as coisas acontecerem com maior rapidez.

Eu estou gratificado. A leitura, pelo Oficial de Justiça, aqui, e a



assinatura do documento foram a razão principal da minha vinda à cidade de Mossoró, para dizer para vocês: A Maísa vai ser utilizada, outra vez, para gerar o pão de cada dia de mulheres e homens deste país que aqui trabalham.

E, como vocês perceberam na fala do Miguel Rossetto, o nosso ministro do Desenvolvimento Agrário, aqueles trabalhadores que trabalhavam na Maísa e que foram mandados embora sem receber os seus direitos, vão receber os seus direitos. E 60% das pessoas que vão ser assentadas, aqui, são pessoas que já trabalharam nesta fazenda.

Portanto, o que nós estamos fazendo é apenas o reconhecimento de uma parcela do povo brasileiro, que a gente vê na cara, que a gente vê na fisionomia de vocês o tempo que se sacrificaram para que esse dia acontecesse.

Aconteceu, eu diria, graças a cada um de vocês, a cada mulher, a cada homem, que souberam ser perseverantes, que souberam reivindicar, que souberam se organizar. E quanto mais organizados vocês estiverem, mais nós vamos fazer por essa parcela sofrida do povo brasileiro.

Quando eu tomei posse disse ao companheiro Miguel Rossetto: “Companheiro Miguel Rossetto, nós não temos que medir a reforma agrária apenas pela quantidade de gente que nós colocaremos no campo”. Porque nós já vimos, na história do Brasil, gente ficar discutindo que colocou 200, 300, 400, 500, mas nunca se discutiu a qualidade dos assentamentos, a qualidade da moradia, as condições de vida das pessoas, a qualidade da educação, se no assentamento tinha posto de saúde, se tinha escola, se tinha agroindústria, se tinha cooperativa.

Eu falei para o Miguel Rossetto: “Vamos nos juntar com a Contag, com o Movimento Sem-Terra, com os sindicatos e vamos começar a pensar um outro jeito de fazer assentamento, para que as pessoas possam ter a terra e tirar dela a dignidade para si e para a sua família”. Ou seja, as pessoas não podem morar num lugar e, depois, ter que estudar a 20 km de distância. É preciso que



a escola esteja perto, que o médico esteja perto, que haja condições para venderem os produtos de vocês. Porque, para vender precisa de mercado. Para ter mercado, é preciso saber se o povo da cidade tem dinheiro para comprar ou quem é que pode comprar. Então, nós vamos pensar nisso com carinho.

O professor Maurício veio no avião me explicando o projeto e eu quero dizer aqui para você, Maurício, e para vocês: contem, hoje, dia 20 de dezembro de 2003. Pois bem, daqui a dois anos, no dia 20 de dezembro de 2005 – eu vou dar dois anos de “colher de chá” para você, Maurício – daqui a dois anos, podem marcar na caderneta de vocês: no dia 20 de dezembro de 2005, eu estarei de volta, aqui, para ver como é que anda este assentamento, para ver o que nós fizemos de certo, o que nós fizemos de errado. Porque nós precisamos atingir a perfeição nesses assentamentos, para que a gente possa, inclusive, mostrar ao mundo o tipo de reforma agrária que nós vamos fazer no nosso governo. Não é apenas dar um pedacinho de terra e um pouquinho de caatinga para o trabalhador, não. Isso, a gente já está cansado.

A gente quer a terra, a gente quer o financiamento, a gente quer assistência técnica, a gente quer se organizar em cooperativa, a gente quer a agroindústria e a gente quer vender o produto que produziu, por um preço. E o governo tem que ajudar, até que as pessoas atinjam a capacidade de andar sozinhas.

É assim que a gente vai fazer, daqui para a frente. E essa fazenda vai ser uma fazenda-modelo. Eu vou ficar fiscalizando o Miguel Rossetto e o Incra; vocês fiscalizam o Maurício e os técnicos que vão vir aqui. Depois, eu vou fiscalizar vocês, e vocês vão me fiscalizar. E é nessa cobrança de cordialidade que a gente vai fazer as coisas acontecerem com a maior perfeição aqui, nesta fazenda em que eu tive o prazer de visitar, em 1994, quando eu fiz uma caravana.

Mas, companheiros, passados 11 meses e 20 dias de governo – faltam



dez dias para completar um ano –, eu poderia dizer para vocês: eu estou vivendo, possivelmente, o melhor momento da minha vida. Primeiro, porque eu nunca me enganei que as coisas fossem fáceis. Eu nunca tive nada fácil na minha vida. Nunca! Nunca me aconteceu nada que eu não tivesse que batalhar. Até para chegar a Presidente eu perdi três vezes, antes de ganhar. Muitos teriam desistido, parados na beira do caminho. Eu falei: “Não, um dia nós vamos chegar”. E chegamos.

E, agora, nós sabemos os compromissos que nós temos com este povo. E quero dizer para vocês uma coisa: eu até brincava com o Palocci: “Ninguém falou mais de juros esta semana”. Sabe por quê? Porque os nossos críticos sabem que quando nós pegamos este país, nem eles acreditavam que era possível este país dar certo. E eu estava tranquilo, porque sabia que se estivesse bom eu não teria ganho. Eu estava tranquilo porque eu sabia que eu só ganhei porque a coisa não estava boa.

E, hoje, eu posso chegar e dizer para vocês: “Hoje, nós temos a menor taxa de juros real dos últimos nove anos deste país”. A menor taxa de juros. Mais ainda: fizemos a maior liberação de dinheiro da história deste país para a agricultura familiar. Foram 5 bilhões e 400 milhões. Até agora, já liberamos 740 mil contratos, 25% a mais do que no ano passado. E já liberamos 73% a mais de dinheiro do que foi liberado o ano passado. E, como o período da safra termina em junho, eu quero que não sobre um centavo na conta do Pronaf, um centavo.

Nós tivemos que enfrentar problemas. A Fátima tem razão quando ela fez uma crítica à burocracia. Porque nós descobrimos que havia companheiros nossos que não estavam mais habituados, no banco, a fazer discussão com o pequeno produtor. As pessoas tinham perdido o hábito de atender o pequeno agricultor. E, isso, nós vamos recuperar, se Deus quiser. E precisa gastar tudo, companheiro Manoel, companheira Fátima, porque se não gastar tudo, não pode pedir mais no ano que vem. Vocês têm que estar atentos, porque se não



gastar os 5 bilhões e 400 milhões, não adianta pedir 6, porque eu vou dar menos. Então, é preciso gastar tudo, mandar os agricultores irem ao banco.

Nós pegamos esse país – eu vou contar uma história para vocês: 80% dos assentamentos brasileiros não tinham licença dada pelo Ibama. Se não tinham licença, não podiam sequer pegar dinheiro, financiamento, pegar o seu crédito. Nós tivemos que começar a regularizar, para que o companheiro pudesse ir ao banco. Porque neste país, muitas vezes, se fala muita coisa bonita, lá para cima, mas se esquece que quem trabalha é quem está aqui embaixo e precisa, muitas vezes, que o país seja governado para esse tipo de gente.

A segunda coisa que eu acho importante dizer para vocês é que, também para a agricultura empresarial, nós fizemos o maior financiamento. E, hoje, graças à força da nossa agricultura, nós vamos bater um recorde de exportação na história do país. É um superávit, ou seja, a diferença entre o que nós vendemos e o que nós compramos é de 24 bilhões de dólares. É a maior quantidade de dinheiro que o país conseguiu ter, de superávit.

E vão acontecer mais coisas. Eu nunca prometi fazer a transposição das águas do rio São Francisco, quando era candidato a Presidente, nunca. Eu duvido que alguém já tenha me feito prometer, em algum momento, que eu ia fazer a transposição das águas. Outros prometeram. Eu não prometi. Porque, antes de dizer que vai fazer, é preciso conhecer a fundo.

Um senador trabalhou um projeto, no tempo do Fernando Henrique Cardoso. Nós estamos trabalhando, e eu vou dizer para vocês: nós vamos fazer a transposição das águas do Rio São Francisco. O nome correto não é transposição. A palavra “transposição” não é correta, politicamente correta.

O que é importante é que nós temos que revitalizar o rio São Francisco primeiro, para depois a gente ver a questão da água. Isso vai acontecer e, possivelmente, mais cedo do que vocês esperam, nós vamos anunciar e mostrar para a sociedade brasileira o projeto.



Da mesma forma, a questão da Transnordestina. Eu não tinha nem cabelo branco ainda e já ouvia falar que era preciso fazer a Transnordestina, colocar ela para funcionar, que ela estava parada. Pois bem, nós vamos fazer. Nós vamos fazer porque acho que essa parte do Nordeste brasileiro, essa parte do Brasil não pode ser eternamente o Nordeste divulgado no mundo, como se fosse a parte pobre deste país.

Nós temos que utilizar a tecnologia, utilizar a nossa capacidade de investimento. Nós já recriamos a Sudene, que foi fechada a pretexto de combater a corrupção. Nós achamos que para combater a corrupção você prende o corrupto, mas não fecha a Sudene.

Então, nós vamos reabrir a Sudene e as coisas vão acontecer. E vão acontecer no seu tempo. Não acontece mais rápido do que a gente pode fazer acontecer. E vocês têm experiência.

A única coisa que eu quero é que vocês tenham a certeza que não tem, na Presidência da República, um companheiro que vocês nunca viram, nem mais gordo, nem mais magro e que chegou lá. Não. Aqui, tem gente que me conhece desde 1980, de andar por esse Nordeste “véio”, com uma Brasília “véia”, tentando descobrir, com vocês, como encontrar uma forma de tornar o Nordeste uma região desenvolvida.

E podem ficar certos: nós vamos fazer. Vai demorar um pouco? Vai. Mas nós vamos fazer. Não tem problema. A gente está cansado de esperar, a gente está cansado de sofrer. O que é importante é que vocês tenham certeza que nós vamos fazer.

Vocês nem se deram conta, mas a governadora e o Graziano assinaram, aqui, um negócio que, na euforia, no calor, vocês nem perceberam. Foi feito um acordo, um convênio para o governo federal comprar 153 mil litros de leite do Rio Grande do Norte, 13 mil só de leite de cabra.

Então, vocês vão perceber que as coisas vão acontecer. Aqui, nesse estado, Governadora, tem 32 cidades, com o estado de calamidade decretado,



por causa da seca, e tem 19 em estudo. Pois bem, das 32 cidades que estão em calamidade, 37% da população dessas cidades já recebem o Bolsa Família que é, em média, 75 reais por mês, contra 30% do Bolsa Renda, que era dado há algum tempo atrás, aqui, na região.

Então, a gente sabe que precisa melhorar. E vocês sabem, também. E nós vamos fazer. Vamos fazer, porque tem uma coisa na minha vida que eu aprendi com a minha mãe analfabeta: “Meu filho, nunca deixe de olhar no olho das pessoas”.

Eu sei que sou Presidente por quatro anos mas, quando eu deixar a Presidência quero me encontrar com vocês, olhar na cara de vocês e falar: “Cumprido com meu dever. Se não fiz mais é porque não pude fazer. Mas fui honesto com os compromissos que eu tenho com vocês”.

Por isso, gente, eu não poderia deixar de vir aqui. E, daqui a 45 dias, 50 dias, vou voltar aqui, lá perto da Serra do Mel. Porque eu passei aqui, em 1994, fui visitar a Petrobras e os engenheiros da Petrobras me disseram, naquela época, que tinham perfurado um poço que tinha dado 300 mil litros d’água de vazão por hora e tinham esperado o governo colocar uma bomba, que não colocou. E, portanto, tiveram que meter cimento no poço.

Eu saí daqui convencido: o dia em que eu for Presidente nós vamos reabrir esse poço e a Petrobras está reabrindo esse poço para que a gente possa levar água para aquela comunidade. Tem uma comunidade lá que recebe, acho, três dias de água a cada 30 dias, só. Então, não é possível que um país que tenha um poço que tem 300 mil litros d’água por hora esteja tampado e o povo morrendo de sede do lado.

Eu vou voltar aqui, dentro de uns 40 ou 50 dias. Era para eu ter ido hoje, não fui porque ainda não abriu o buraco. Mas o buraco vai ser aberto. E, se Deus quiser, vamos tomar um banho, ninguém precisa levar biquíni, não precisa levar short. A gente vai tomar banho do jeito que estiver, lá. Mas a gente vai fazer esse poço jorrar água, para levar para o povo.



No mais, eu queria dizer para vocês, gente... tem muita cidade que continua do mesmo jeito, não dá para ir a todas as cidades do Brasil. Mas, através de vocês nós vamos a muitas cidades, através da Governadora, através dos prefeitos, através dos deputados.

Eu só queria dizer para vocês, para terminar, o seguinte: nós vamos fazer a reforma agrária da forma que eu acho que tem que ser feita, de acordo com os trabalhadores. A gente tem é que colher o resultado disso. Podem ficar certos que, com a mesma coragem que eu tive de ir ao encontro dos Sem-Terra e da Contag, em Brasília, eu quero participar de encontros, olhar na cara de vocês. Na hora que eu puder dizer sim, eu digo sim. Na hora que eu precisar dizer não, eu vou dizer não. Porque eu digo não para o meu filho.

O que é importante é que a gente seja honesto. O que é importante é que a gente seja sincero. O que é importante é que a gente seja companheiro. E eu tenho certeza que eu só sou Presidente por causa de vocês. Eu tenho certeza disso e jamais faltarei com os compromissos históricos que eu tenho com o nosso querido Nordeste brasileiro.

Por isso, Prefeita, Governadora, deputados, senadores, ministro José Dirceu, ministro Palocci, ministro Graziano, eu quero dizer que vocês ainda vão ouvir muitas notícias do Presidente da República andando por este país, assinando acordos, para que a gente faça, definitivamente, a melhor reforma agrária já feita neste país.

Muito obrigado. Que Deus abençoe cada um de vocês.

E eu quero, Gilberto Carvalho, você que é meio meu “padre”, que você venha cá. Eu acho que a gente deveria pedir para o Crispiniano ler um poema que ele fez para mim. Mas eu quero que todo mundo, de mãos dadas, agora – o Bispo está aí, cadê o Bispo? O Bispo de Caicó está aqui? Dom Jaime está aqui. Então, Dom Jaime, para que esse nosso querido povo tenha mais força, eu quero que todos nós, de mãos dadas, terminássemos esse evento rezando um Pai Nosso, puxado pelo senhor.



Vamos ouvir, agora... Eu cheguei aqui, me deram um papelzinho de um poema que o Crispiniano tinha feito. Vamos lá, Crispiniano, eu quero ver se é bom mesmo o poema.